



C. M. B.
BIBLIOTECA

BOLETIM SOCIAL

DE TRABALHADORES DA TEBE PARA TRABALHADORES

Director Honorário: MÁRIO CAMPOS HENRIQUES

Redacção e Administração: Campo 5 de Outubro. 39 - Ric

Composto e Impresso na Tipografia - VITÓRIA - BARCELOS

Editor: João Baptista Cândido da Silva

Director e Administrador ANTÓNIO BAPTISTA

Redactores: Joaquim Rodrigues e Eduardo A. da Silva

ERA uma vez... Chamava-se Joana. Nasceu em França, numa pequena aldeia, Domremy, há muitos anos já, no século XV (facto curioso: na noite do seu nascimento, os galos da região, como arautos duma alegria nova, cantaram durante uma hora...)

De família humilde e sã, desde pequena, se habituou a trabalhar rudemente, no lidar contínuo da vida campestre. Alegre e forte, entremeava o trabalho com folguedos saudáveis — sendo tão apreciada a sua presença numa coisa como noutra.

A sua existência foi, até cerca dos 16 anos, absolutamente normal, vulgar mesmo — em nada se distinguindo da de qualquer outra pequena camponesa da sua idade, da sua terra, ou da sua época.

Apenas... uma piedade mais profunda, que muitas vezes a levava a procurar a solidão para melhor encontrar Deus — mas não a impedia, alegre entre as mais alegres, de partilhar todas as brincadeiras, e de se mostrar perita nos jogos da mocidade de então.

Apenas... uma aceitação dos mais humildes deveres, uma boa vontade inextinguível em cumprir fielmente todas as obrigações, uma caridade que a levava a dormir numa cadeira se aparecia um mendigo a ocupar o seu leito, ou sobre

NOBRES FIGURAS DE MULHER

Por MARIA MATILDE

um molho de palha, se a cadeira também era precisa... Mas tudo tão simplesmente, tão naturalmente — que passava despercebido!

A França atravessava nesta época um dos períodos mais trágicos da sua história. Envolvida numa luta com a Inglaterra que durou 100 anos — a célebre guerra dos 100 anos — exausta, com um rei pouco firme no seu trono, o desânimo invadia o ardente patriotismo francês.

Foi então que na pequena aldeia de Domremy, umas vozes celestes se fizeram ouvir à humilde camponesa, ordenando-lhe qualquer coisa de fantástico, de extraordinário: que salvasse a França, que fosse pedir ao rei um exército para combater os ingleses, garantindo-lhe que seria coroado (o que até aí não tinha sido possível).

Mas mais extraordinário ainda talvez, foi a simplicidade de Joana: obedeceu! Obedeceu, sem dizer a si própria que não sabia combater — habituada aos mais servis trabalhos, manejava destramente a roca e o fuso, mas nunca pegara numa espada; que, plebeia e desconhecida, como seria recebida pelo rei? que, mulher e jovem, como lhe confiariam um exército? Simplesmente, obedeceu!

E... plebeia e desconhecida, foi recebida pelo rei (Carlos VII); mulher e jovem, teve um exército às suas ordens; inexperiente no manejo da espada, lutou, combateu, e venceu os ingleses, em batalhas brilhantes como Blois, Orleans, Meung, Beaugency, Reims, etc. e com a vitória das suas tropas garantiu a coroação do rei!

Uma guerra que durante 100 longos, desolados anos, ensanguentara e enlutará a França, terminou, como um relâmpago! Aquilo que grandes generais não conseguiram, realizou a humilde aldeã com a sua simplicidade e obediência!

Tornou-se uma figura lendária, um enigma vivo, um anjo ou demónio que, segundo alguns, se evolaria numa bela manhã...

Mas, acabada a sua missão — durara pouco mais de 2 anos — caiu nas mãos

dos ingleses. Sucintamente a julgaram, rapidamente a condenaram, como cismática, idólatra, hereje, invocadora de demónios, apóstata... Uma morte horrível, infamante, a esperava: ser queimada viva!

Então a alegre Joana de Domremy, que lidava de sol a sol, pastoreava os rebanhos, fiava o seu fuso de canção nos lábios; a jovem piedosa que na solidão ouvia o mandato do Céu, a intrépida guerreira que levava os exércitos à vitória (mas depois chorava os mortos e tratava por suas mãos os inimigos feridos); marchou para o suplício. No caminho ia pedindo aos assistentes orações pela sua alma, dum modo tão humilde, tão tocante, que comoveu os próprios carrascos! Até ao fim o seu cuidado pelos outros: ao começar a sentir o fogo atingi-la, fez descer o monge que sempre a acompanhara, receando que ele se queimasse também...

Há uma parábola de Jesus muito conhecida, a parábola dos talentos: um homem que foi fiel e desenvolveu os talentos de que tinha sido depositário, viu-se premiado com estas palavras: servo bom, porque foste fiel no pouco, ser-te-á confiado o muito!

Joana foi como esse servo do Evangelho — porque foi perfeita nas pequeninas coisas, lhe foram confiadas as grandes!

Eis, a meu ver, a maior lição para as nossas vidas simples, pequeninas — a perfeição com que devemos realizar as mais insignificantes obrigações de cada dia — legada pela jovem extraordinária que, morta há tantos séculos, ainda hoje é a padroeira duma grande nação, a França, e conhecida e venerada em todo o mundo: JOANA D'ARC.

As Malhas TEBE

Não receiam confrontos... Continuam na vanguarda do bom gosto.

O pensamento do mês

O consolo da escravidão é idealizar o despotismo.

A. SOREL

RUMO A DEUS OU SEDE DE LUZ

Na chama esbraseante que refaz
a ânsia da minha alma indefinida
há angústias inquietantes duma vida,
na crença que me abraça e se desfaz.
Sentir dentro de mim em tom fugaz
a chama dessa fé enternecida,
seria encher de luz a minha vida,
que a dúvida ergueu em tom vivaz...
Oh! Pudera eu viver-te de verdades
no pélagio medonho dos segredos,
tombados longamente do meu sono...
Então seria heróico o meu viver,
liberto da certeza de morrer,
Seguia para Deus em abandono...

António Baptista

O Café e a Vida

(Continuação da página 6)

amor, tudo que nos envolve, está cheio de um perfume sublime. Noutras, idealizamos tudo o que é mais escandaloso e imundo. E em certas alturas, surgem-nos descobertas, que desvendariam os nossos olhos através das paredes transparentes do Mundo Superior, guiando-nos para o Caminho da Bondade.

Nas noites em que o sonho ocupa um espaço enorme, surgem-nos também beldades, seres nunca iguados, que nos tentam encaminhar... Caminho, em toda a expressão mais completo, mais belo e mais perfeito. Enfim, uma vida cheia de felicidades!... E algumas vezes, têm tais visos de verdade, que bastante nos surpreende havê-los sonhado.

Depois, desci a escada da pensão, vesti a gabardina que estava dependurada no bengaleiro, transpus o limiar da porta, abri o guarda-chuva e comecei a atravessar as flagrantes ruas da cidade, em direcção ao café, porque era aí que todas as manhãs tomava o pequeno almoço.

Fiquei estupefacto perante o sucedido! O prédio encontrava-se num autêntico montão de destroços. Um incêndio pavoroso, tinha-o destruído completamente.

A porta, com a face contraída, como se um fogo interior lhe queimasse o coração, estava o engraxador.

— Como aconteceu isto?...
— Perguntei-lhe, admirado.

Numa voz que exprimia bem o seu sofrer, respondeu-me:

— Não se sabe. De madrugada, o polícia de giro, quando aqui passou, foi quem deu o alarme. Mas, quando os Bombeiros chegaram, já não puderam fazer nada.—Um suspiro profundo, saíu-lhe do peito. Depois, acrescentou—E... a minha caixa também ardeu!

Segui para o meu trabalho, sem me lembrar sequer do pequeno almoço, magicando como tudo é ilusório nesta vida...

Uma anedota

Ela—(diante de uma montra)—Repara, querido, que belo casaco... É um poema!

Marido—Sim, é bonito, mas não rima com a minha carteira.

Semelhanças

—Em que se parecerá uma mulher com um advogado?

—Não sei.

—Mas talvez seja que quanto mais falam menos razão têm.

Visado pela Censura

Associação Humanitária dos Dadores de Sangue de Barcelos

De 1 de Janeiro a 31 de Dezembro de 1957 esta Associação fez 99 transfusões de sangue, com o volume total de 29.495 c. c.; além disso forneceu 6 frascos (1.720 c. c.) para um barcelense internado numa Casa de Saúde do Porto. Total, 31.215 c. c.

Não falando de alguns dadores ocasionais que ofereceram sangue expressa e exclusivamente a doentes seus amigos, contribuíram para este movimento os senhores:

Com 4 doações:

Frei António de Faria, Fr. Capuchinhos, Barcelos.

Com 3 doações:

Francisco da Costa Viana, António de Oliveira e Silva, Carlos Gonçalves e Joaquim Lopes da Silva, Barcelos; Joaquim Emílio de Araújo Faria, V. F. S. Martinho.

Com 2 doações:

Manuel José da Silva Mota, Sérgio Lopes dos Santos, Fernando Fernandes Rente, Alberto Maria de Sousa Pinto Martins, José Alves Vicência, Teotónio Lima, Augusto Cândido Carvalho Amaral, António Rodrigues dos Santos, António Baptista Pereira da Costa e Henrique António da Costa Correia, Barcelos; Martinho de Figueiredo e António Cardoso Gomes, V. F. S. Martinho; Cândido da Costa Ferreira, Abade do Neiva; Abel de Macedo Soutelo e João Carlos da Costa Vale, Areias S. Vicente.

Com 1 doação:

António Fernandes Pimenta, António da Costa, Irmã Chagas e Irmã Maria, Freiras do Hospital, João de Magalhães Barros, P. S. P., António Pereira da Silva, Manuel de Lima Miranda, P. S. P., Adelino Augusto de Sousa Andrade, João Teixeira dos Santos, José Henrique da Silva Correia, Armando de Andrade Lemos, Feliciano de Araújo Faria e António Duarte Ferreira Pedras, Barcelos; António Carvalho de Brito, Tamel S. Fins; Américo Ferraz Coutinho, Lams; Filipe Jorge Gomes, António José da Costa, António Secundino Gonzalez e Jessé da Silva Lima, Barcelinhos; João Fernandes Pereira, José Alves Leite e José Ilídio Miranda Rodrigues, V. F. S. Martinho; Tiago Rodrigues da Silva Escairo, Carapeços.

A Associação congratula-se pelo altruísmo e disciplina de que continuam dando provas os seus sócios dadores e tem a mais subida honra em apontar seus nomes a gratidão e respeito dos habitantes do concelho de Barcelos.

Graças ao espírito de solidariedade humana e cristã de que estes beneméritos deram tão largas provas, foi possível à Associação satisfazer todos os pedidos de sangue que lhe foram dirigidos.

Fique à consciência de cada um a escolha do melhor agradecimento que Barcelos deve a estes dadores. Os dirigentes da Associação, porém, pensam que a forma mais adequada de corresponder-lhes — e certamente a mais compreensiva e a que lhes seria mais grata — estaria no alargamento dos quadros por novas inscrições.

Muitas foram as vidas salvas pelo sangue dos dadores desta Associação. Uma só que fosse, justificaria já a nossa rendida homenagem. E nenhuma homenagem a dadores de sangue poderá ser mais significativa do que a oferta de novos dadores.

A Direcção e o Conselho Técnico

Barcelos, 2 de Janeiro de 1958.

JOÃO GONÇALVES MARTINS

Um nome ao serviço das conceituadas águas
: Vidago, Melgaço & Pedras Salgadas :

Agente da conhecidíssima Companhia de Seguros

« A MUNDIAL »

Em frente à Estação do Caminho de Ferro — BARCELOS

Os artigos **TEBE** levam sempre o seu timbre como testemunho da sua garantia e perfeição.

Os artigos de seda, nylon e algodão só são garantidos quando levem o nome **TEBE**, quer em etiquetas, quer ainda mencionados no próprio artigo.

Elementos Oficiais sobre o Cinema Português

A participação de Portugal no I Festival Internacional de Cinema do Brasil, realizado em S. Paulo, deu ao SNI a oportunidade de publicar, de colaboração com a Comissão do IV Centenário da Fundação daquela cidade brasileira, um atraente e útil volumezinho com elementos oficiais sobre o cinema nacional, em português, francês e inglês e com inúmeras gravuras.

Vale a pena analisar, em particular, o conteúdo dessa publicação, que recebemos por amável oferta do Sr. Dr. Félix Ribeiro, chefe da Secção de Cinema do SNI e director da Cinemateca Nacional.

Na explicação, começa por dizer-se que Portugal, correspondendo embora ao fraternal convite dos organizadores e apresentando filmes que documentam o esforço passado e actual dos cineastas portugueses, «tem plena consciência dos seus feitos e limites, mas orgulha-se do carácter profundamente nacional das suas produções», terminando por reconhecer que a crise geral que o Cinema atravessa em todo o mundo não podia deixar de afectar a indústria, embora persistam esforços isolados, «confiados no apoio esclarecido do Estado».

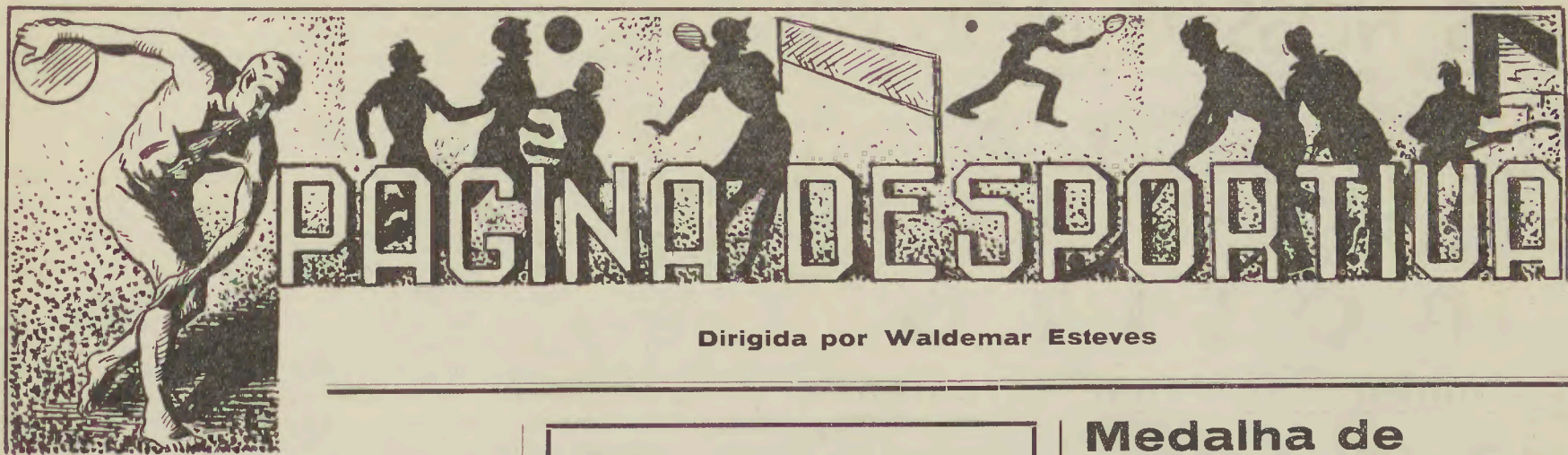
Seguem-se uma explicação acerca da orgânica do cinema em Portugal e um Bosquejo Histórico, talvez excessivamente resumido. Vêm depois palavras do Dr. José Manuel da Costa e uma saudação de Leitão de Barros aos brasileiros, em que afirma: «Na indecisão momentânea, no impasse evidente em que vem surpreender-nos a primeira reunião mundial do cinema em São Paulo — apenas uma palavra de confiança e de fé é possível endereçar a todos os trabalhadores do Cinema em nossa língua. Nela condensamos esperanças no Futuro e saudades do Passado».

Depois destas páginas não muito optimistas, seguem-se elementos sobre os filmes apresentados, modernos e antigos.

Entre outras informações, ficamos a saber que contamos, entre nós, com 14 realizadores de filmes de fundo (depois da estreia de «O Costa de Africa» são 15); 19 produtores individuais e 14 sociedades produtoras, muito embora a nossa média anual continue a ser de 4 filmes. (Em 1953 foram os seguintes: «Chaimite», «Duas Causas», «Planície Heróica» e «Chikwembo»).

No resumo da actividade da crítica cinematográfica, além de outras lacunas, observa-se só a citação de críticos de Lisboa. Ao

(Continua na página 5)



Dirigida por Waldemar Esteves

Oquei em Patins

QUEM, como nós, tem acompanhado o oquei em patins de perto, pode apreciar a apatia a que chegamos, por parte das entidades superiores, às quais está entregue a orientação do Desporto, onde Portugal atingiu as maiores culminâncias e onde é, ainda hoje, grande, entre os maiores. Trilharemos nós o caminho seguro, a podermos augurar-lhe a continuação do prestígio que actualmente goza? Sinceramente, não.

A falta de Campeonatos de Júniores, o desleixo de algumas Associações, aliadas à absorvente preocupação da maioria do público pelo "Desporto-Rei", em paralelo com a vontade de técnicos, praticantes e alguns directores é pouco para contrabalançar.

Já vimos a necessidade de irmos ao ultramar buscar elementos, para rejuvenescer a nossa selecção.

É certa a grande falta de Cruzeiro, mas também o não é menos, a ausência de um médio de valor, para a actual equipa das quinas.

Muito há a esperar da nóvel equipa, que tão bem se houve em Bolonha representando o nosso oquei, mas não chega a esperar só dela, porque como as outras passará e a continuar assim, não haverá (pelo menos no continente) quem lhes ocupe no futuro o lugar.

Posto isto, passaremos a analisar o Ano Oquista transacto. Porém, hoje, referinossomente ao Minho.

É de triste recordação para o oquei Minhoto a época de 1957.

Começou nas arbitragens, continuou com algumas assistências e acabou na Associação, o caudal de disparidades.

Como nos dispusemos a abordar todos os assuntos, lá vamos:

ARBITRAGENS

Não há um árbitro no Minho, que reúna qualidades suficientes, para o classificar de bom. Um ou outro sofríveis, não chegam, para um campeonato de oito clubes (todos em franca melhoria técnica) em 2 jornadas semanais. Acarretou isso, uma série de contrariedades bastante aborrecidas, à ética e disciplina desportivas onde o oquei goza felizmente de boa reputação.

No campo-técnico apareceram vários mas (na maioria) disparatados critérios, que obrigavam o mais passivo assistente a protestos.

Um, considerava como jogo perigoso, uma bola levantada a 50 cm. do solo e logo autorizava todas as entradas verdadeiramente à margem das leis. Outro, dava-nos a

Natação

ESTA modalidade onde Barcelos, nos últimos anos, tem dado «cartas» pela briosa representação do Desportivo de Barcelinhos, parece estar a tornar-se conflituosa porquanto a Associação de Natação do Porto, está a fugir aquele espírito de isenção de favoritismos que devia manter, a bem dum Desporto tão útil como agradável.

Não distribuíram medalhas dos Campeonatos Regionais de 1956. Porquê? Por ter sido o Desportivo de Barcelinhos o Clube que mais títulos arrecadou?

Dizem num comunicado, que as mesmas não foram distribuídas por motivos de ordem vária, aprovados pela Assembleia Geral. Quais os motivos que possam impedir, a recompensa única a atletas, dadores de todo o esforço, sem mais esperar como louvor, do que um símbolo? Falta de fundos? Não, porquanto o mesmo relatório, apresenta um dos maiores saldos positivos de sempre. Só este factor (para nós) podia impedir tal atitude. Se não é a base de «fuga», quais os motivos de ordem vária?

Diz também o Relatório, que a mesma decisão foi aprovada por uma reunião da Assembleia Geral; ora estando presente o Delegado do Barcelinhos e nada sendo tratado na sua presença, como foi aprovada?

A Natação, mais do que um desporto, é uma escola e como tal deve ser acarinhada, a bem duma elevação da cultura física, tão necessária entre nós.

W. E.

impressão de necessidade em consultar um médico oftalmologista, de tal maneira se esquecia da lei que proíbe «bater» a bola com o patim. Outro ainda, parecia-nos dar a impressão de auscultar a opinião da assistência, por elevado tempo que terminava o apitar, da decisão e beneficiação dum livre. Etc. etc.

Em síntese: Um sumário triste que certamente já o grande público apreciou, ou pelo menos, aqueles para quem, acima de tudo, está a honestidade de saber ver.

No próximo número: — A Associação e o Campeonato de Júniores.

W. E.

Medalha de Mérito Desportivo

ATLETA Manuel Faria, do Sporting de Portugal, foi distinguido com a medalha «Mérito Desportivo» — a mais alta condecoração Portuguesa destinada aos Desportistas — pela sua magnífica proeza ao vencer, pela 2.^a vez consecutiva, a corrida de S. Silvestre, em S. Paulo. Para além da vitória individual do consagrado pedestrianista é de atender à repercussão que a sua vitória teve nos grandes centros desportivos do Mundo, elevando o atleta Português, como um dos concorrentes com categoria internacional.

De facto, Manuel Faria é merecedor de tão alta recompensa porque o seu amor ao atletismo; a sua regradíssima vida para atingir uma categoria à parte no atletismo nacional; a sua permanente preocupação de treinar; a sua atenção aos conselhos dos «mestres» revela-nos que o atleta leonino tem o «estof» dos grandes nomes mundiais e que a sua presença, nos Jogos Olímpicos, é encarada com as maiores esperanças.

Na noite de 31 de Dezembro último Manuel Faria não só alegrou a enorme colónia portuguesa de S. Paulo como, em confronto com Grandes no atletismo da Europa, triunfou numa prova onde a par da sua categoria esteve, também, a inteligência, o pondunor e o anseio de classificar-se bem para que o nome da nossa querida Pátria fosse também pronunciado para, juntamente, ser vitoriado na apoteose final da corrida de S. Silvestre.

O Senhor Subsecretário da Educação Nacional ao condecorar o atleta Manuel Faria não deixou de expressar o reconhecimento para com todos os que, seja qual for o sector desportivo a que pertençam, concorrem para o engrandecimento da Pátria Portuguesa.

E neste «Boletim da TEBE» a nossa homenagem ao valoroso atleta que — pertencendo a uma equipa rival do nosso clubismo — soube dignificar o atletismo e, consequentemente, o Desporto Nacional. A vitória do atleta leonino chamou a atenção do Snr. Dr. Tito Arantes, Ilustre Deputado da Nação que, na Assembleia Nacional, enalteceu de maneira mais elogiosa para Manuel Faria, a vitória na corrida de S. Silvestre, na noite de 31 de Dezembro findo. O reflexo do triunfo do atleta luso está patente em vários convites para tomar parte em corridas em cidades de Espanha, Bélgica e Alemanha, etc., etc., convites que foram declinados em face da preparação a que vai ser submetido com vista ao Campeonato Europeu. E, nesta hora de euforia, não esqueçamos o seu devotado ex-preparador, Luís Aguiar, a quem Manuel Faria muito deve dos triunfos que vem conquistando. — José Ribeiro Novo.

«OS NOSSOS ÍDOLOS»

Mais do que uma simples história, é uma singela mas sincera homenagem, que nos levou a trazer a estas colunas, a vida desportiva de um jogador de futebol.

A sua dedicação pela camisola que enverga, aliada às inegáveis qualidades de atleta, são credoras da simpatia que os barcelenses têm por

NOLITO

O «motor» do team Barcelense

NOLITO!

Camisola ensopada, cabelos desganhados, rosto alagado em suor, vincado por um ritus de esforço e fadiga, não obstam à passada larga com que galga o terreno, deixando para trás batidos ou, com um drible, ou um passe perfurante para um companheiro desmarcado, os que baldadamente tentam opor-se; o remate surge; golo ou não perdura a jogada, o estilo que define um jogador.

Esse jogador é NOLITO.

Por causa das «sapatilhas»

Vigo, 3 horas da tarde! O rapazio abandona desordenadamente a Escola, dispersando-se em grupos. Um desses grupos dirige-se para um largo, certifica-se que não há «guitas» e começa uma partida de futebol, que só terminará ao escurecer. Gritos, discussões, até que uma voz mais alta se subrepõe às outras: «foge Nolito, vem aí a tua avó».

O interpelado, deita a correr em direcção a casa a ver se consegue evitar que mais algumas vergastadas o mimoseiem.

...Mais tarde, naquela mesma cidade, quando toda a gente lava no interior do Real Turista, a avó toda orgulhosa do seu netinho, dizia:

«As vergastadas que eu lhe dava não era por jogar eram por estragar as... sapatilhas».

No Real Turista de Vigo

Nasceu em Janeiro de 1925. Aos dois anos perdeu o pai indo com sua mãe e os dois irmãos mais novos para casa dos avós. As dificuldades da vida obrigaram o pequeno Nolito, logo terminada a instrução primária, ir trabalhar para uma fábrica de cerâmica. Mas o vício que na escola lhe valeram umas tantas palmadas não o abandonou. Inscreveu-se nos infantis da Escola Nieto, tinha então 15 anos. O presidente do Real Turista, o homem que tanto o acarinhou na sua carreira, vendo-o jogar, ficou entusiasmado pela habilidade do *catraio*.

Começa a «caça»

Não fora só porém, o Sr. Castro quem deu pela habilidade para a bola de Nolito. O Granpeña convidou para um treino; sabendo disso os dirigentes do Turista apressaram a estreia do Nolito. O Penhasco perdeu por 2x1 sendo o golo da vitória marcado pelo *miúdo*.

Durante cinco épocas defendeu as cores do Turista, sagrando-se 4 vezes campeão Regional.

Do Arosa ao Leixões

Com 21 anos, Nolito ingressou no Arosa então na 3.ª Divisão espanhola, onde se manteve três épocas. Depois de um AROSA-ORENSE, e este último clube pretendeu o seu concurso, mas o CELTA DE VIGO entrou também, acabando por o contratar.

Foi efémera a sua passagem pelo grande Clube galego, tendo porém o melhor treinador da sua carreira: o grande Zamora.

Regressou ao Arosa onde conheceu maior a alegria da sua vida: o Arosa subiu à 2.ª Divisão.

...Nesse ano em Portugal, o Leixões atingiu a fase final da 2.ª Divisão. A esperança do ingresso na divisão maior do futebol lusitano, levou os dirigentes do Clube matosinhense a reforçar a equipa. Nolito com mais dois compatriotas, foram os escolhidos.

No último jogo, precisamente no campo Santana, o Leixões perdeu com o Salgueiros, quando apenas lhe bastava o empate para ficar campeão.

Porém Nolito não passou despercebido. O Salgueiros quis contratá-lo, mas as 75.000 pesetas pedidas pelo Arosa, fez os dirigentes do popular clube nortenho desistir. Regressou ao Arosa a fim de acabar o contrato que o ligava àquele clube. Em breve porém, regressaria a Portugal.

Por brincadeira aceitou o convite para treinador-jogador

É verdade! Nolito veio para Barcelos por... brincadeira.

Terminado um jogo que realizou em Barcelos pelo Turista, dirigentes do Gil Vicente perguntaram-lhe se queria treinar e jogar pela equipa barcelense. Conta-nos Nolito:

«Eu disse que sim. Julguei que era a entrar comigo, e portanto respondi também a rir. Imagine qual foi meu espanto quando me apresentaram a proposta para eu assinar. Engoli em seco, e como tinha dito que sim, não quis faltar à palavra, assinei. Mas não estou arrependido, pois em Barcelos apenas tenho encontrado amizades».

Jogador, treinador ou as duas coisas?

Tem sido debatido largamente esta questão: Serão as funções de treinador e jogador compatíveis?

Várias e contraditórias têm sido as respostas. Pessoalmente achamos que não; Nolito, que o experimentou compartilha da nossa opinião. Diz ele: «Ao fim de um ano cheguei à conclusão de que não podia acumular a dupla função de jogador e orientador; por isso pedi a demissão deste último cargo».

Continuou porém como jogador já vão 6 épocas apesar de várias e tentadoras propostas. Não duvidamos, isto sem desvalorizar os restantes elementos em afirmar ser o mais destacado componente da turma barcelense. Do seu rendimento se recente a equipa. Com ele, tornou-se o ataque gilista mais esclarecido; numa avançada relativamente jovem, os 17 anos de experiência de Nolito, são o cérebro que a dirige.

Em Espanha — A maior alegria

Em Portugal — As tristezas

Na vida de um desportista, as alegrias e tristezas andam de mãos dadas. A uma vitória sucede a derrota para novamente a vitória sorrir.

Por curiosa coincidência as alegrias e tristezas da vida desportiva de Nolito, foram repartidas pelo país onde nasceu e pelo onde actualmente pratica futebol. As primeiras, em terra de Espanha foram principalmente quando o Arosa subiu para a 2.ª Divisão Espanhola. O reverso a derrota do Leixões no seu próprio campo impedindo a subida para a divisão maior do nosso futebol, e a derrota em Barcelos frente ao Vianense, tirando as possibilidades de o Gil Vicente ficar campeão Regional, e ameaçando a descida que a eliminação do Sporting de Fafe, impediu.

«O meu melhor jogo? Foram tantos; mas um que efectuei, jogava no Arosa, contra o Santander no ano em que este subiu à 1.ª Divisão o qual vencemos por 3x1 sendo eu o marcador de duas bolas, jamais esquecerei».

Um desejo, e os melhores jogadores lusos

«Que meu filho seja melhor futebolista do que eu» foi a resposta de Nolito à nossa pergunta. «Caiado, Arcaño mas sobretudo Travaços, foram os jogadores portugueses que mais me impressionaram». Eu imitar um jogador com esta idade? pergunta-nos a sorrir Nolito. Insistimos, a resposta veio: «Gostaria de ser tam bom jogador como o meu colega de Vigo que joga actualmente no Real Madrid, o internacional Muñoz».

Aqui fica registada a história do *miúdo* de Vigo que a avó ia de vergasta buscar ao campo da bola e que abandonou a Pátria de glória, jogando futebol.

Jone & Tone

DIZ-SE...

Que o Oquei Clube de Barcelos está interessado na aquisição de Queirós, actualmente no Vitória de Barcelinhos. Para isso já se avistaram com o referido jogador, alguns directores do clube de aquém Cávado.

Aniversários *Compasso de Espera*

Secção dirigida por Carlos Quinta e Costa

Fazem anos no corrente mês os nossos seguintes companheiros:

DIA 1—Maria de Lourdes Alves Faria e Maria da Graça Lopes da Silva.

DIA 2—Maria da Graça Fernandes da Silva.

DIA 3—Isaura Miranda de Sousa, Emílio Augusto de F. Lemos, Maria Monteiro da Costa e Maria dos Prazeres F. Sá Gonçalves.

DIA 4—Emília Machado de Brito.

DIA 5—Maria Irene L. Vieira e Tereza da Graça Fernandes.

DIA 6—Manuel da Conceição, Maria Albertina F. Carvalho, Carlos Alberto S. Ferreira, Rosalina Pereira e Maria Júlia Gonçalves Novais.

DIA 7—Elvira Gomes de Sousa e Joaquina Fátima Vale Gomes.

DIA 8—Armindo Pimenta Ramalho, Maria de La Sallette A. Pinto, Deolinda Lopes Vilas-Boas e Henriqueta da Conceição P. P. Azevedo.

DIA 9—Manuel Américo A. P. Machado.

DIA 10—Emília de Jesus D. Moreira.

DIA 11—António Augusto da Silva, João Cândido da Silva e Arminda dos Prazeres Ferreira.

DIA 12—Maria de Lourdes da Costa Lima e Rosa Gracinda Rodrigues da Cruz.

DIA 13—Maria da Conceição Pereira da Silva e Maria Arminanda Gomes Monteiro.

DIA 15—Celeste da Conceição Araújo e Maria de Fátima Azevedo Oliveira.

DIA 16—Maria de Lourdes M. Monteiro.

DIA 17—Nestor da Silva Martins.

DIA 19—Maria José da Silva Gonçalves, Maria do Carmo Gomes Lima e José Gomes de Miranda.

DIA 20—Manuel Evangelista T. Lima, Arminda Felgueiras Arezes, Sebastião da Silva Fortes, Palmira de Jesus L. Ramos e Maria Martins Vilas Boas.

DIA 21—Maria Fernanda Faria Lemos e Domingos Carvalho de Miranda.

DIA 22—Maria Júlia Carvalho Rodrigues, Maria Arminda Correia Lamela, Maria da Glória Sobral Faria e Ana dos Prazeres F. Pedras.

DIA 23—Ana da Conceição Magalhães e Mário Aurélio O. Lucas.

DIA 24—Maria Rosa de J. T. Santos e Rosa da Silva Ribeiro.

DIA 26—Antónia Cândida P. Pimenta e Maria da Conceição da S. Pereira.

DIA 27—Felicidade Pereira de Magalhães.

DIA 28—Maria Pereira Rodrigues, Maria Júlia da Silva Fernandes, Maria do Carmo Torres da Silva e Manuel Fernandes Lopes.

DIA 29—Idalina de Araújo, Maria Estrela M. Fernandes e Joaquina Pereira da Costa.

DIA 30—Fernando Duarte F. Pedras, Maria dos Prazeres C. Cardoso e José Augusto Carvalho Ballester.

DIA 31—Laurinda da Apresentação Maia e Adelaide da Silva Carvalho.

A todos, os nossos sinceros parabéns.

«Cine-Clube Imagem»), um no Porto («Cine-Clube do Porto»), dois em Coimbra (?) e outro em Rio Maior».

O simples facto de figurarem, nesta publicação, os cine-clubes portugueses e de se lamentar que seja diminuta a sua acção parece mostrar que, finalmente, se compreendeu nos meios oficiais a importância deste movimento, como base de educação artística e cinematográfica do público e preparação de futuras equipas de críticos, técnicos e estudiosos.

Dado o grande auxílio que a Cinemateca Nacional pode prestar ao desenvolvimento do cine-clubismo português, é caso para nos regosijarmos. Se em vez de dificuldades surgirem auxílios e estímulos—muito tem a esperar o Cinema Português das novas gerações que surjam dos cine-clubes portugueses.

Aguardemos, pois, confiados.

De Manuel Azevedo (*À Margem do Cinema Nacional*)

Espero e enquanto espero faço versos,
É minha forma de esperar alguém.
Não desespero, versifico, e bem
Passam assim, momentos mais diversos.

São sempre tão diversos os momentos
Que por mim passam quando alguém espero
Que chego a duvidar, não sei que quero,
Nessas horas de angústias ou tormentos.

O tempo que se espera não tem fim
Quando espero um relapso devedor
Mas quando quem procuro é meu credor
É ele quem espera então por mim.

Se espero uma mulher, quanta ansiedade
Do peito se transmite ao meu olhar...
Receio de não vir, de me faltar,
E sinto que me foge a mocidade!

Se espero uma criança ou filha minha
Que perigos receio se ela tarda?
Dou tempo até que em volta de mim arda
Todo o mal que em meu peito se adivinha.

Custa tanto esperar, seja quem for
Que nos sentimos mesmo envelhecer.
São horas dum estranho entardecer
Todo inquietude, impaciência e dor...

Ó tempo porque esperas, porque insistes
Em tanto demorar a minha vida,
A vida que em esperas foi perdida?
—Por isso que os meus versos são tão tristes!

Que momentos de espera tão diversos
Se tem passado em todo o meu viver...
E sempre à espera, sempre a envelhecer
O tempo passa, enquanto faço versos.

Janeiro 1958

Artur Tojal

Elementos Oficiais sobre o Cinema Português

(Continuação da página 2)

lado dos críticos da Imprensa da capital não figuram os seus colegas do Porto, nem, ao menos, alguns nomes de reconhecida autoridade como Alves Costa, Neves Real, Mário Bonito, Gonçalves Lavrador, etc. para os quais não há anonimato da Imprensa diária que justifique a omissão. Já no resumo da Imprensa cinematográfica se não pode negar que houve maior cuidado. É quanto ao movimento dos cine-clubes portugueses a informação é, também, completa, embora demasiado sucinta: «O movimento de cine-clubes foi sempre escasso em Portugal. Existem actualmente três em Lisboa (o «ABC Cine-Culbe», o «Cine-Culbe Universitário» e o

Apontamentos para o estudo da poesia popular

O aroma da rosa de Alexandria:

BARCELOS

—A rosa de Alexandria
É flor habilitada;
A rosa, que não é cheirosa
Para mim não vale nada.

—Ó rosa de Alexandria,
Onde deixaste o cheiro?
—Deixei-o em minha casa
Debaixo do travesseiro.

Outra quadra alusiva à rosa:

—A rosa, depois de seca
Foi-se queixar ao jardim;
Disseram as outras rosas:
Tudo o que nasce tem fim.

O cravo e a rosa numa dualidade florícola:

—Ainda agora reparo
Quem no passeio andava:
Anda o cravo, anda a rosa,
Anda quem eu desejava.

O António entra na dança do simbolismo fescenino do cravo:

—O meu amor é António
Eu bem no soube escolher;
O craveiro não tem outro,
Só se ele agora nascer.

Use malhas TEBE

O Café e a Vida

POR SIDÓNIO FERREIRA

FESTAVA sentado à mesa do café. O "barman" naquele vai e vem contínuo, ia satisfazendo da melhor maneira possível, os pedidos que lhe faziam.

Ao fundo, um grupo de homens aplaudia dois jogadores de bilhar, que alheios a tudo, seguiam avidamente a rota das bolas, após a tacada, na esperança de nunca falharem.

—Pst... Então, quando me tráz o café?... —Perguntei, com um certo rancor ao empregado, pois já há bastante tempo que esperava.

Deu-me uma desculpa com a mão e não se fez demorar.

Devorei o café num trago, porque estava frio e queria aquecer o estômago. Depois, principiei a ler o jornal, tentando assim, matar um pouco aquele tempo aborrecido, que àquela hora da noite dispunha sem ter nada que fazer.

A certa altura, uma mão discreta bateu-me nas costas, fazendo com que eu interrompesse a leitura.

—Olá Jorge! Por cá hoje?... Exclamei, estendendo-lhe a mão e cumprimentando-o.

—Sim, por aqui. E esses "ossos" como vão?

—Menos mal, obrigado. Pelo que vejo, estás de perfeita saúde.

Sentou-se à minha mesa. Con-

versamos sobre os mais variados assuntos. Por fim, jogamos uma partida de xadrez. O vencido pagaria o café. Fui eu o infeliz.

A seguir, ele foi-se embora e eu tornei a ficar só, sentado à mesma mesa, aguardando que o tempo passasse. A pessoa que de facto esperava, ainda não tinha chegado.

Os jogadores de bilhar, continuavam com as suas jogadas, incitados pelos admiradores... Nas várias mesas espalhadas pelo salão, os "habitués" do café, discutiam sobre muitíssimos assuntos. Mas o futebol é que predominava. Futebol e mais futebol... Alguns alteavam as vozes, tomando até atitudes de malcriados.

Na mesa ao lado da minha, num dado momento, sentou-se uma senhora, que me prendeu toda a atenção. A sua toilette, numa harmonia de cores bastante garridas, juntamente com as suas linhas, davam-lhe uma nota tão sãdia de beleza e de frescura.

Para pagar a despesa, pegou na bolsinha, abriu-a e tirou de dentro o porta-moedas. Nessa altura, sem se aperceber, deixou cair um alfinete. Apanhei-o e dei-lho.

—Obrigado... — Respondeu-me, com um sorriso desenhado nos lábios, que eram dum vermelho vivo, à força do baton,

deixando ver uma fila de dentes brancos como a neve.

Sorri também. A seguir, abandonou o café, mas o seu perfume, por algum tempo, ficou à minha beira.

Para aliviar o espírito, fumei um cigarro. Quem eu esperava, não aparecia. Casualmente, olhei para o relógio. A noite ia avançada. Eram horas de descansar.

Lá fora, chuvia com toda a força, o que fez com que me molhasse um pouco.

Ao chegar à pensão, deitei-me logo, com a ideia fixa nos afazeres do outro dia.

*

De manhã, ao despertar, olhei para os vidros da janela, deixando esses divisar-me que lá fora caía uma chuva miudinha e ininterrupta. De certo, o mau tempo ainda não tinha passado.

Principiei a vestir-me com toda a pressa, para chegar a horas ao meu trabalho.

Repentinamente, veio-me à

ideia, o sonho que tive durante a noite:

—Encontrava-me num jardim, ponto máximo de beleza, o ex-poente último do encantamento e da maravilha. A dois passos, erguia-se um miradouro. Ai, a vista flutuava na planície verde-negra do mar sem fim... Passava dum lado para o outro naquele paraíso. A certa altura, olhei acidentalmente para um canto, onde se encontrava um banco, quase escondido entre trepadeiras. Eis uma visão! Sentada nesse local, estava uma mulher, numa posição fascinadora. Brincava com um ramo de malmequeres. Desprendia as pétalas, que lhe caíam uma a uma no regaço. Aproximei-me...

Possivelmente, acordei nessa altura, porque não me lembrava de mais.

Por vezes, é uma vida feliz, aquela que os nossos sonhos nos revelam. Vida cheia de belezas, de encantos; onde a natureza, o

(Continua na página 2)

As Louças de Barcelos

II

As Louças Comuns não vidradas

O nosso fabrico mais antigo deve ser o das Louças Comuns não vidradas, que ainda hoje se fabricam pelos mesmos processos primitivos e se conservam puritanas. Esta sobrevivência deve explicar-se pelo seu preço módico e plena satisfação nos usos a que se destinam. Estas louças têm duas propriedades em que nenhuma outra as iguala: a resistência às variações bruscas do fogo e a particularidade de conservar a água fresca.

As destinadas ao fogo, para fazer cozinhados, resistem perfeitamente à temperatura e às variações bruscas desta e dá aos alimentos um sabor especial que lhes grangeou fama: o arroz, estufados, assados, feijoadas, chá e café, são mais saborosos preparados em recipientes deste barro; fabricam-se para este fim, panelas, púcaros, potes, borretos, caçoilas e chocolateiras. Mas temos ainda, fogões para assar sardinhas e carne e estes com assadeiras para assar castanhas! E para que a série fique bem completa, fabricam-se ainda vinagreiras, o que há de melhor para o fabrico e conservação do vinagre!

Para o transporte e conservação da água fresca e saborosa, os seus cântaros, bilhas e pichéis, não tem similares, são verdadeiros e perfeitos hidrocerames!

Estas propriedades são notórias e conhecidas de todos os tempos e fazem que estas louças sejam ainda hoje muito úteis na vida rural e doméstica. São devidas ao seu pouco variável coeficiente de dilatação, à sua perfeita porosidade e o ferro que o barro contém, não chegando a actuar como fundente, por insuficiência de temperatura, passa a actuar como «des-grasante» (antiplástico ou anticoloide) e, combinado com a argila, transmitem o seu sabor aos líquidos e alimentos.

Na vulgaridade, são produtos pobres de técnica e arte, fabricados com barro impuro ferruginoso muito plástico e mal cozidos, conforme indica a sua cor vermelho-tijolo sombria. Mas nem sempre são pobres em arte. Algumas vezes, estes oleiros também dão largas à sua fantasia e apresentam-nos peças de lindo contorno, proporções definidas e com muito curiosas decorações.

É talvez, de entre todas as especialidades de louças de Barcelos, a que mais satisfaz plenamente aos fins para que se fabricam. Com efeito, as que se fabricam para água, conservam de verdade a água em boas condições; e as que se fabricam para o fogo, agüentam-no sem se fenderem e facultam-nos bons cozinhados e, apesar de não terem uma apresentação muito bonita, ainda hoje são vendidas por terras distantes, incluindo a própria cidade do Porto.



O MUNDO PELA IMAGEM

PARAGUAI—Um cantinho da sua exuberante floresta

M.